



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

**ESCRITA, ARTE~POESIA E POLÍTICA: A COMPOSIÇÃO COLETIVA
ENQUANTO PROCESSO DE CRIAÇÃO E POTÊNCIA FEMINISTA**

Ingrid Cerantola Jó

São Carlos - SP

2023

INGRID CERANTOLA JÓ

ESCRITA, ARTE~POESIA E POLÍTICA: A COMPOSIÇÃO COLETIVA ENQUANTO
PROCESSO DE CRIAÇÃO E POTÊNCIA FEMINISTA

Trabalho de conclusão de curso apresentado
ao Departamento de Ciências Sociais da
Universidade Federal de São Carlos para a
obtenção do título de Bacharel em Ciências
Sociais com ênfase em Antropologia e em
Sociologia.

Orientadora: Profa. Dra. Anna Catarina
Morawska Vianna

Co-orientadora: Profa. Dra. Máira
Cavalcanti Vale

São Carlos - SP

2023

Escrita, arte~poesia e política: a composição coletiva enquanto processo de criação e potência feminista

Ingrid Cerantola Jó

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais com ênfase em Antropologia e Sociologia pela Universidade Federal de São Carlos.

Aprovado em: 10/04/2023.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 ANNA CATARINA MORAWSKA VIANNA
Data: 30/07/2023 17:07:01-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Orientadora

Catarina Morawska Vianna
Universidade Federal de São Carlos

Documento assinado digitalmente
 MAIRA CAVALCANTI VALE
Data: 27/07/2023 15:39:56-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Coorientadora

Maíra Cavalcanti Vale
Universidade Federal de São Carlos

Documento assinado digitalmente
 CHIRLEY RODRIGUES MENDES
Data: 31/07/2023 16:25:26-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Membro da banca

Chirley Rodrigues Mendes
Universidade Federal do Norte do Tocantins

AGRADECIMENTOS

Este trabalho é símbolo do grande feito de me formar no ensino superior, o que não seria possível sem o suporte da minha família em toda a minha trajetória, mesmo em meio a tantas instabilidades. Agradeço especialmente, com amor e gratidão a todos os aprendizados, aos meus pais, Érica e Luiz, e aos meus irmãos, Náthaly e Julian.

Aos meus amores, amigos e amigas, pelo acolhimento e inspiração a seguir. Em especial, ao meu companheiro, Edgard, que fez tudo parecer mais leve e possível com seu afeto, apoio e incentivo no pulsar da vida partilhada.

Agradeço às minhas orientadoras, Catarina e Maíra, sempre muito empáticas e solícitas, que não soltaram a minha mão no decorrer de todo o processo de construção deste trabalho. Obrigada pela troca, paciência e encorajamento.

Sou grata às mulheres do imuê e à Andréa Guerreira, integrantes de um fazer coletivo tão fértil, o qual me ensinou, inspirou e emocionou. Obrigada, Andréa, por compartilhar sua história que agora ecoa, entre tantos outros cantos, neste texto e em mim.

Agradeço aos companheiros que construí em São Carlos, nomes tantos, nas e para além das Ciências Sociais, com os quais tanto aprendi e construí no rico cotidiano compartilhado, seja em sala, lares, eventos, no movimento estudantil e no movimento cultural da cidade.

A todos os seres que me afetaram, seja os que conheci e dividi jornadas, seja os que admiro e aprendo de longe.

Aqui estamos nós, donas de
nossas próprias palavras,
revolucionárias do cotidiano,
regando a terra outrora batida
por nossas antepassadas,
firmando nossas pegadas,
sabendo que hoje, cada vez
que nossa fala se propaga
equivale a dez que antes
foram silenciadas

Mel Duarte

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso reflete sobre um processo de construção conjunta de escrita~pesquisa~arte~conhecimento e seus contrastes com a formação acadêmica. A partir da descrição do processo de criação de um livro construído a muitas mãos por pesquisadoras do imuê - Instituto Mulheres e Economia - e por Andréa Guerreira, multiartista e coordenadora do grupo cultural Boi Mandingueiro, situado na Mata do Ronca, na fronteira entre Olinda, Paulista e Recife, em Pernambuco-BR, busco ecoar, juntamente com a literatura feminista sobre construção de conhecimento, expressão e escrita, acerca de experimentos que levam em consideração os atravessamentos políticos~artísticos~poéticos~afetivos que permeiam o criar entre culturas, corpos e linguagens diversas. Em seguida, a partir da revisão do Projeto Pedagógico do curso de Ciências Sociais da UFSCar, faço um contraponto entre minha experiência de graduação e outras propostas de pesquisa/escrita que inspiram e expiram narrativas contrastantes aos vieses eurocêntricos, individualizados e embebidos em uma lógica colonizadora, racista, patriarcal e cisheteronormativa. Este trabalho levanta a questão de como produzir contra-narrativas a partir de caminhos de mulheres~resistência do cotidiano, da cultura popular, artistas, poetisas, pesquisadoras, por meio da composição coletiva que se exerce diariamente, dos levantes poéticos, da transcrição e do fazer boi em Pernambuco.

Palavras-chave: expressão; pesquisa; mulheres; contra-narrativas; política; escrita~arte~poesia; coletivo.

ABSTRACT

This course completion work reflects on a joint construction process of writing~research~art~knowledge and its contrasts with academic training. Based on the description of the process of creating a book created by many hands by researchers from Imuê - Instituto Mulheres e Economia - and by Andréa Guerreira, multi-artist and coordinator of the cultural group Boi Mandingueiro, located in Mata do Ronca, on the border between Olinda, Paulista and Recife, in Pernambuco-BR, I seek to echo, together with the feminist literature on the construction of knowledge, expression and writing, about experiments that take into account the political~artistic~poetic~affective crossings that permeate the creation between cultures, bodies and miscellaneous languages. Then, from the review of the Pedagogical Project of the UFSCar Social Sciences course, I make a counterpoint between my graduation experience and other research/writing proposals that inspire and expire contrasting narratives to Eurocentric biases, individualized and embedded in a colonizing logic, racist, patriarchal and cisheteronormative. This work raises the question of how to produce counter-narratives based on the paths of the resistance women of the everyday life, popular culture, artists, poets, researchers, through the collective composition that takes place daily, through poetic uprisings, transcreation and the to do Boi in Pernambuco.

Keywords: expression; research; women; counter-narratives; politics; writing~art~poetry; collective

SUMÁRIO

1 ELUCIDAÇÃO ~ PRELÚDIO	p. 08
2 TRABALHO ~ INTENÇÃO ~ MOVIMENTO	p. 11
3 A COMPOSIÇÃO COLETIVA ENTRE ANDRÉA GUERREIRA E O IMUÊ	p. 16
3.1 Feitura~preparação do imuê	p. 18
3.2 Andréa, ser coletivo e o Boi Mandingueiro	p. 21
4 UM OLHAR ENTRE A COMPOSIÇÃO COLETIVA E O CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS	p. 30
5 ILAÇÃO ~ ENLACE	p. 34
REFERÊNCIAS	p. 35

1 ELUCIDAÇÃO ~ PRELÚDIO

A experiência de ir à biblioteca e procurar, escolher, tocar, sentir e ler um livro é incomparável à leitura solitária de textos virtuais na tela do computador. Comecei a ler a *Antropologia do Ciborgue - As vertigens do pós-humano* (2009), o livro físico. Lendo Donna Haraway (2019), entusiasmada com a maneira como ela coloca em questão o que se entende sobre sujeito e sobre humano, questionando o viés masculinista da cultura científica, transformando seu ensaio em um símbolo de libertação feminista e propondo a dissolução de clássicas fronteiras como natureza e cultura, humano e animal, orgânico e máquina e físico e não físico, me atento aos grifos e anotações a lápis sobre as páginas já lidas por outro alguém. Outro que se conectou às mesmas palavras, se deixou ser afetado por elas e pelo transpassar de conhecimento entre os seres. Estava ali, absorvendo, se integrando e se transformando. Me pergunto qual impacto teve tal leitura na vida dessa pessoa aleatória. Quem ela é, como mistura de tantos? Quais/quem são esses tantos? Ou se ela sequer está consciente desse impacto, como muitas vezes não estamos.

No encontro com qualquer tipo de criação, nasce sempre a pergunta: quantos fazem parte de algo que se constrói? E não apenas no campo da escrita, mas da expressão em si. Quantas pessoas, experiências e trocas fizeram parte da expressão de Haraway? Audre Lorde, Davi Kopenawa, Cora Coralina, Gilles Deleuze, Sônia Guajajara, Karl Marx, Carolina Maria de Jesus? Minhas orientadoras, Catarina Morawska e Maíra Vale? Ingrid JÓ, aqui escrevendo? Fizeram e fazem parte do pulsar de qualquer um que caminhe por essa terra? Pensando, aqui, pura e simplesmente na composição coletiva que a tudo cria. Nos campos da arte, da ciência, da filosofia, da pesquisa, da política. Da existência. Serão, afinal, campos tão distantes?

Pretendo refletir neste trabalho de conclusão de curso, juntamente com o tanto que compõe a mim e a toda ação e expressão que aqui se faz presente e/ou referenciada, sobre a construção de conhecimento que emerge de um corpo coletivo, bem como sobre o fazer pesquisa e permeares poéticos e políticos que transpassam e integram o movimento de composição coletiva e co-autoria. Colocando, ainda, essas noções em contraste com caminhos enviesados de produção de conhecimento, como a exaltação da atividade individual, engessada e solitária incentivada, tradicionalmente, na Academia - mais exemplificadamente no curso de Ciências Sociais em que estou me graduando.

Para tanto, nutro este trabalho com uma série de elementos: discussão bibliográfica, revisão do projeto pedagógico do curso de Ciências Sociais da UFSCar e experiência pessoal enquanto graduanda e ser impulsionante~impulsionado. Mas também e, principalmente, do

acompanhar e do convir de um processo de criação de um livro construído a muitas mãos - o qual ainda se encontra em andamento -, por pesquisadoras do Imuê - Instituto Mulheres e Economia - e por Andréa Guerreira, multiartista e coordenadora do grupo cultural Boi Mandingueiro, situado na Mata do Ronca, na fronteira entre Olinda, Paulista e Recife, em Pernambuco.

A discussão sobre composição coletiva aqui abordada se refere, antes de tudo, à máxima de que tudo o que existe, existe em rede, em conexão, em coletivo. E que não existiria de outra maneira. Se refere ao reconhecimento de quem veio antes, de quem compartilha a substancialidade do agora e de quem virá depois. E se refere, também, mais especificamente na área da antropologia social (mas não só) a maneiras mais fluídas, respeitadas e verdadeiras de existir e de construir pesquisa~arte~conhecimento em conjunto - uma vez que o coletivo resulta da própria troca do saber, do chamado ato de perceber ou compreender por meio da razão e/ou da experiência -, com os vieses da arte, da poesia, da política e da co-autoria no fazer antropológico. Isso é o que Haraway (2009) nos ensina: o coletivo não precede, ele se cria por meio das trocas e relações.

Afinal, a antropologia não é/não pode ser produzir - de maneira egóica, etnocêntrica e individualista - conhecimento sobre sujeitos de pesquisa a partir de esquadrinhamentos analíticos. Ela deve reconhecer-se como composição coletiva, “(...) não necessariamente rejeitando noções universalistas, mas colocando-as em relação com noções que façam sentido para corpos situados, fazendo da diferença o lugar de criação de novas alianças e imaginários” (MORAWSKA *et al.*, 2019, p. 09).

O caminho da escrita~pesquisa pode ser bastante desafiador, principalmente para mulheres e pessoas não brancas, não cis, não héteros, não ricas. Tal caminhar é diretamente influenciado pelas relações de opressão e hierarquia de poder ainda determinantes em nossa sociedade, atreladas ao incentivo da dinâmica solitária, mecânica, apática e individualizada para a construção de conhecimento. Trata-se da manutenção de uma lógica competitiva, e não cooperativa. Se torna clara a presença de formatos euro e etnocêntricos, de uma linguagem dominada por homens em um cenário resistente a outros corpos, outras realidades e outros modos~usos para comunicar (e há tantos).

A artista, escritora e teórica Grada Kilomba, em *The Most Beautiful Language* (2017), sua primeira grande exibição solo, discute o poder da linguagem e a forma como ela é usada para impor estruturas de dominação e opressão. Para refletir sobre aspectos da linguagem ela explora diversos formatos da mesma: dando corpo, voz e imagem para seus textos, através de instalações de vídeo e som, performance e leitura. Ela aborda que a forma como nos

comunicamos é moldada pela nossa posição social, pelo nosso gênero, raça, classe e outras categorias de identidade, e que isso pode reforçar estruturas de poder existentes ou desafiá-las. A partir disso, Kilomba (2017) faz uma reflexão sobre como podemos usar a linguagem de forma mais consciente e crítica, reconhecendo a história de violência que está por trás das palavras que usamos e tentando criar novas formas de expressão que possam ser mais inclusivas, mais justas e mais verdadeiras. Ela nos encoraja a desafiar as normas e convenções da linguagem, a explorar novas formas de narrativa e de comunicação, e a lutar por uma linguagem que possa realmente ser bela e transformadora.

Todo conhecimento é construído de maneira coletiva, entretanto, existem diversas coletividades que se distinguem a partir de diferentes culturas e realidades. Como construir junto, dessa maneira então colocada - fluída, respeitosa e verdadeiramente coletiva - conhecimento~pesquisa~arte~política entre diferentes culturas, as quais são atravessadas por relações de poder e hierárquicas na sociedade ocidental e pós-moderna?

Nas páginas seguintes, irei abordar algumas nuances da construção coletiva, da co-autoria e apresentar as referências e discussões que acompanhei, que me permitiram refletir sobre como essa composição se diferencia do tipo de produção de conhecimento estimulado, por exemplo, no curso de graduação em Ciências Sociais. O texto apresenta, primeiramente, práticas e olhares sobre o fazer coletivo; reflexões sobre a construção da escrita coletiva entre as pesquisadoras do imuê e Andréa Guerreira; e, em seguida, uma consideração pessoal sobre como essa composição se contrasta com os estímulos do curso de Ciências Sociais, segundo uma revisão do Projeto pedagógico do curso e minha experiência enquanto graduanda.

2 TRABALHO ~ INTENÇÃO ~ MOVIMENTO

Conectar-se com as nuances do que é e pode vir a ser a composição coletiva me fez refletir mais profundamente sobre a pulsação dela na sociedade e na minha vida, minhas trilhas, minhas construções enquanto estudante, trabalhadora, militante, poetisa, artista, filha, amiga, companheira etc. Assim como sobre as determinações e leituras do meu corpo no mundo: branco, latino-americano, bissexual, pobre. O processo de criação~produção a partir da co-autoria encontra solos férteis em contextos diversos quando se faz pulsante a intenção, a atenção e a disposição de confrontar e repensar normas limitantes.

A antropóloga, escritora e cineasta Ruth Behar (1996), em *The Vulnerable Observer: Anthropology That Breaks Your Heart*, discute questões de identidade, gênero e etnia em sua pesquisa antropológica e literária, defendendo a ideia de que a pesquisa antropológica deve ser uma experiência pessoal, emocional e reflexiva, em vez de um processo desapaixonado, distante e objetivo. Behar destaca a importância de envolver os sujeitos da pesquisa em uma colaboração mais equitativa, em que suas perspectivas e experiências sejam valorizadas, produzindo uma compreensão mais completa, profunda e justa das vidas e culturas estudadas.

Ela propõe o abandono de uma objetividade completa e o reconhecimento de que as próprias experiências e perspectivas podem influenciar a pesquisa, defendendo uma "objetividade compassiva", na qual os antropólogos reconhecem sua subjetividade e trabalham para minimizar seus preconceitos e crenças pessoais. Ela também enfatiza a importância de abordar questões sociais e políticas em vez de se concentrar apenas em aspectos culturais e tradicionais.

Michel Taussig, antropólogo e escritor colombiano, propõe, em seu trabalho, como na obra *Mimesis and Alterity: A Particular History of the Senses* (1993), uma escrita poética associada à prática antropológica - o que ele chama de "antropologia poética". Ele aborda a escrita~experiência misturando teoria antropológica e poesia, explorando a relação entre a palavra e a imagem, o poder e a resistência, a representação e a realidade, desafiando as formas convencionais de pensamento e percepção e utilizando a poesia como uma forma de alcançar uma compreensão mais profunda e visceral do mundo.

Ele argumenta que a antropologia precisa levar em consideração o papel da imaginação e da percepção sensorial na construção da realidade social, e que deve estar aberta a abordagens interdisciplinares, incluindo a psicanálise, a filosofia e a história da arte, para compreender a complexidade das experiências humanas e culturais. Sugere que a antropologia precisa incorporar o estudo das emoções e das sensações, bem como das narrativas e das

histórias pessoais, para entender as práticas e os significados culturais, estando ciente, também, de seu próprio papel na criação e perpetuação de narrativas dominantes.

Os trabalhos de Behar e Taussig inspiram a reflexão acerca do processo de escrita associado a proposta de maior vulnerabilidade e envolvimento na pesquisa acadêmica. Trabalhar o comunicar(-se) através de palavras que emocionem, que afetem e estabeleçam uma conexão profunda, capaz de transmitir o que se vê e o que se vive de maneira coletiva e compor contra-narrativas que questionem, em seu próprio existir, discursos coloniais e opressivos. O projeto de escrita entre Andréa Guerreira e as pesquisadoras do imuê busca realizar esse processo (re)pensando a escrita enquanto pesquisa, enquanto palavra poética e palavra expandida - como fazem Grada Kilomba (2017) e Deisiane Barbosa (2020)¹ -, imergindo em linguagens diversas como teatro, performance, música, imagem, dança etc - como também faz Andréa e o Boi Mandingueiro -, a partir da composição coletiva, da transcrição, da co-criação~co-autoria; e também fazendo essas linguagens emergirem no terreno hermético do texto acadêmico estrito senso.

Recentemente, as antropólogas Mounia El Kotni, Lydia Dixon e Veronica Miranda (2022) lançaram um debate sobre a co-autoria como prática e escrita feministas². Elas destacam a existência de uma narrativa dominante que gira em torno do etnógrafo-escritor (homem, branco) solitário, difundida em nossas aulas de maneira a desestimular a co-autoria. Nos levam para a reflexão de que nunca construímos sozinhas o trabalho de campo, a escrita, a produção de conhecimento no geral, porém, nem sempre reconhecemos as vozes, apoios e influências que permeiam nossos processos - comunidades com as quais trabalhamos, colegas contemporâneos e estudiosos que vieram antes de nós.

As pesquisadoras também elucidam que a discussão sobre novas maneiras de se escrever antropologia vem aumentando, assim como a prática da co-autoria, apesar da existência de alguns desafios ao seguir tal caminho, como a falta de reconhecimento e de estabilidade profissional dentro da instituição acadêmica hierarquizada. Elas ainda relacionam a co-autoria com uma prática feminista, argumentando que escrever com outros permite a inclusão de múltiplas perspectivas e vozes, criando uma oportunidade para tornar visível e questionar reflexivamente a dinâmica de poder arraigada na escrita antropológica. Além disso, a co-autoria exige uma abordagem que se concentra na solidariedade, compromisso e cooperação, em vez de competição (KOTNI; DIXON; MIRANDA, 2020).

¹ Ver: *O Sonho Puido*. Vimeo, 14 de fevereiro de 2020. Disponível em: <<https://vimeo.com/391622301>>. Último acesso: 27 de março de 2023.

² Disponível em: <<https://culanth.org/fieldsights/series/co-authorship-as-feminist-writing-and-practice-1>>. Último acesso em 13 de novembro de 2022.

M. Gabriela Torres (2019), no texto *Antropologia feminista é trabalho em equipe*, também se debruça sobre o fazer antropológico feminista e sobre como é necessário o teor coletivo intrínseco a tal prática para que ela de fato exista. Torres (2019) coloca que a antropologia feminista centra-se na construção e manutenção de relações como um mecanismo para desafiar ideias patriarcais e capitalistas arraigadas nos campos de estudo e pesquisa, e que a co-autoria evidencia como o diálogo e o trabalho em equipe são fundamentais para a aquisição e produção de conhecimento. A autora ainda fala sobre como trabalhar de maneira conjunta, com pessoas de outras áreas e contextos, é enriquecedor, e busca pelo conhecimento através de lentes feministas - o que reorienta a prática de escrita de um trabalho individual para um projeto social centrado na construção de relacionamentos significativos (TORRES, 2019).

Uma mulher repensando o escrever, o comunicar, o expressar e o fazer pesquisa carrega uma potência gigantesca de transformação. Quando esse pensar é abarcado por um coletivo de mulheres tal potência é elevada à metamorfose do ser coletivo e subjetivo. Para além de um movimento que por si só representa a quebra com padrões que histórica e estruturalmente subjugam as mulheres, essa construção coletiva nos leva à conexão entre nós e a reflexão sobre nossos diferentes corpos e identidades. Os corpos falam de lugares determinados, os quais têm representações e carregam significâncias em existir, em respirar, em sentir, pensar e agir em uma sociedade marcada por linhas de desigualdades.

Gloria Anzaldúa (2000), em seu texto *Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo* fala por e para uma mulher de cor³ sobre o reconhecimento coletivo da vivência desses corpos, sobre a potência de si, da palavra e da poesia. Anzaldúa (2000) direciona, em uma carta íntima e direta, uma mensagem a todas as mulheres que, vivendo em tantos cotidianos e rotinas diferentes, se encontram no ponto comum de enfrentamento do racismo. Ela ressalta como a escrita foi e segue sendo negada a tais mulheres e as incentiva forte e poeticamente a se apropriar de tal ferramenta mágica e libertadora.

Joguem fora a abstração e o aprendizado acadêmico, as regras, o mapa e o compasso. Sintam seus caminhos em anteparos. Para alcançar mais pessoas,

³ A expressão “de cor” seria a tradução equivalente a “*of colour*”, muito utilizada por autoras feministas latinas, negras e indígenas nos Estados Unidos e não possui a mesma conotação pejorativa da expressão em português. A palavra “*colored*”, sim, possui uma carga depreciativa e racista. Não encontrei outra tradução em português que pudesse traduzir sem conotações negativas a expressão “*of colour*”, então mantive a tradução literal. Na leitura, deve-se ter em mente essa advertência. Tal expressão é usada por Gloria Anzaldúa e Audre Lorde. Ela aparecerá, portanto, nos momentos de referência às obras das autoras citadas.

deve-se evocar as realidades pessoais e sociais — não através da retórica, mas com sangue, pus e suor. Escrevam com seus olhos como pintoras, com seus ouvidos como músicas, com seus pés como dançarinas. Vocês são as profetisas com penas e tochas. Escrevam com suas línguas de fogo. Não deixem que a caneta lhes afugente de vocês mesmas. Não deixem a tinta coagular em suas canetas. Não deixem o censor apagar as centelhas, nem mordanças abafar suas vozes. Ponham suas tripas no papel. (ANZALDUA, 2000, p. 235)

Todo corpo vem carregado do que é viver em peles de raça/etnia, gênero, sexualidade, classe social etc., específicas, dispostas de maneira hierárquica na sociedade. Os atravessamentos que nos permeiam, mesmo enquanto mulheres, são distintos. Olhar para nossos corpos no mundo, o que a existência deles significa e representa é essencial para que levemos à consciência as diferentes correntes que nos amarram - essa é uma das tarefas da composição coletiva. O livrar-se de amarras sendo um movimento de cura conjunta. De compartilhamento de existências e coexistências, de histórias, dores, esperanças e sonhos.

Audre Lorde (2019), com enfoque na questão do racismo e da expressão da raiva entre as mulheres, coloca em discussão como os cascos emocionais do medo e da culpa vão no sentido contrário da mudança. A culpa paralisa, faz com que nos coloquemos em uma posição de espera por absolvição e, assim, isenção da responsabilidade de ação e de ser parte ativa da transformação social. O medo nos prende ao caminho da objetificação da outra, fecha-nos os ouvidos aos que têm a dizer, promove a exoneração da autocrítica e da expressão da raiva. Perpetuando, assim, relações de opressão entre nós.

[...] o fato de as mulheres negras e brancas enfrentarem as raivas umas das outras sem rejeição ou rigidez ou silêncio ou culpa é, em si, uma ideia herética e fértil. Ela pressupõe companheiras reunidas em razão de um princípio comum para examinar nossas diferenças e modificar as distorções que a história criou em torno delas. Pois são essas distorções que nos separam. E devemos nos perguntar: quem lucra com tudo isso? (LORDE, 2019, p. 164)

É importante reconhecer a nossa identidade social integralmente, ou seja, não só nossos lugares em posição de oprimidos. É essencial abrir-se a enxergar as relações nas quais somos potenciais opressores e assumir nossa responsabilidade de ação na luta contra as diversas expressões de ódio, das quais o sistema capitalista se alimenta e lucra.

Estar consciente dessa reflexão é essencial para construir qualquer movimento que pretenda existir de maneira diversa, verdadeira, justa e responsável. A emancipação é coletiva, assim como o uso das vias de luta para tal. O fazer poético e artístico é uma dessas

vias, uma maneira de vazão que encontra nome e força. Lorde aborda a poesia como iluminação, que dá forma ao que, antes dela, ainda não tinha, mas já era sentido. Ela tem seu âmago presente em todas as mulheres: na reconexão com a ancestralidade, com a “consciência não europeia de vida” (LORDE, 2019, p. 45), no encontro com as profundezas antigas que vivem dentro de nós. Para as mulheres, então, a poesia não é um luxo. É uma necessidade vital da nossa existência. Ela cria a luz sobre a qual baseamos nossas esperanças e nossos sonhos de sobrevivência e mudança, primeiro como linguagem, depois como ideia, e então como ação. É da poesia que nos valem para nomear o que ainda não tem nome, e que só então pode ser pensado (LORDE, 2019, p. 45).

A partir da expressão por meio da poesia é consolidada a coisa sentida. Ela não é e não pode ser tomada como um luxo. Poesia é resistência, é basal, é grito, é denúncia, é luta! Poesia é respiro. É encontrar aquilo que se sente, as potências que moram dentro de si. Poesia é coragem, é canal da força substancial da transformação que, precedendo outras ações de luta, firma a prática revolucionária, a mudança e a emancipação.

3 A COMPOSIÇÃO COLETIVA ENTRE ANDRÉA GUERREIRA E O IMUÊ

No período de janeiro a abril de 2022, acompanhei parte de um processo coletivo de escrita entre mulheres - que se encontra ainda em curso -, por meio da participação em reuniões e entrevistas. Todos os encontros aconteceram de maneira remota, via plataforma virtual *online*, devido à situação de pandemia pela COVID-19, além de limitações de recursos de financiamento para os projetos desenvolvidos e geográficas, uma vez que as participantes moram todas em estados brasileiros diferentes. Trata-se da confecção de um livro escrito a muitas mãos, com autoria de Andréa Guerreira, multiartista da cultura popular de Pernambuco, e co-autoria~edição de Maíra Vale, Deisiane Barbosa, Chirley Mendes, Jacqueline Ferraz de Lima, Mariana Lima e Cíntia Engel, integrantes do imuê - Instituto Mulheres e Economia. A proposta da construção do livro surgiu de uma parceria entre o imuê e o Boi Mandingueiro, dois coletivos muito diferentes entre si, mas que se encontram na prática do fazer coletivo e a partir da formação da Rede Orgânica Periférica de Olinda⁴.

O Boi Mandingueiro é um coletivo criado em 2019 a partir da iniciativa de Mestra Andréa Guerreiro e Mestre Genivaldo Bazilio, com a participação de alguns artistas integrantes do GTA - Grupo de Teatro Atual (BAZILIO; VALE, 2022). O coletivo participa de várias iniciativas culturais em Pernambuco, como o Festival Cultura do Alto do Sol Nascente, em Olinda; o evento cultural Paulista Negra de Consciência no Conjunto Beira Mar, no Janga, município de Paulista; o cortejo de carnaval nas comunidades de Alto do Sol Nascente e Alto da Bondade; e o carnaval da ATO (Associação de Teatro de Olinda), no bairro da Tabajara, em Olinda⁵.

O imuê, por sua vez, nasce em 2019 com o objetivo de “desenvolver pesquisas em colaboração com mulheres, lideranças e organizações da sociedade civil para a produção de

⁴ A Rede Orgânica Periférica de Olinda é uma articulação de coletivos criada para fazer frente à pandemia de Covid-19, em março de 2020. A Rede reúne organizações, grupos e lideranças de comunidades periféricas de Olinda-PE: Grupo Comunidade Assumindo suas Crianças (GCASC) e Biblioteca Multicultural Nascedouro (MCBL), em Peixinhos; Grupo de Teatro Atual (GTA) e Boi Mandingueiro no Alto da Bondade e Mata do Ronca; Grupo S.O.L. (Sonho, Organização e Luta) no Alto Sol Nascente; Coletivo Sempre Vivas, em Rio Doce; Grupo Espaço Mulher, em Passarinho; Biblioteca Solar de Ler (CCLF), no Varadouro. O imuê esteve presente desde a concepção da Rede e trabalhou em conjunto por meio da escrita de projetos e relatórios emergenciais, bem como a escrita de artigos e publicações coletivas sobre a situação das periferias de Olinda. Com o Boi Mandingueiro, além das ações coletivas da Rede, o imuê co-articulou um pequeno projeto para o fortalecimento do seu grupo de costura, financiado pela CESE - Coordenadoria Ecumênica de Serviço, que contou com a aquisição de máquinas de costura e oferta de oficinas de arte para as famílias da Mata do Ronca.

⁵ Para mais informações, ver: <<https://cadastriculturalpe.com.br/boi-mandingueiro/>>. Último acesso em 17 de março de 2023; <<https://www.facebook.com/boimandingueiro.mandingueira.7/>>. Último acesso em 24 de março de 2023.

pesquisas qualitativas sobre economia” (MORAWSKA *et al.*, 2019, p. 6)⁶. Conforme coloca Maíra Vale, o imuê pretende construir coletivamente máquinas de guerra na forma de texto e contra-narrativas para contar outras histórias, outros saberes, outras formas de viver⁷. Desde 2020, o imuê participa da construção da Rede Orgânica Periférica de Olinda, uma articulação de 8 grupos comunitários do município que se juntaram para traçar estratégias de combate aos impactos da pandemia de Covid-19.

Foi a partir do encontro com a Rede Orgânica Periférica de Olinda, entre a prática vivida do Boi em sua luta antirracista e o projeto político do imuê de registrar em forma de livro vivências de lideranças e mulheres de movimentos sociais, que surge o primeiro convite para a escrita da história de Andréa, em 2021. O movimento de construção dessa escrita começa a ser pensado a partir de duas perspectivas teóricas: os *levantes poéticos* propostos por Deisiane Barbosa (2020) e *a abordagem etnográfica e os desafios das composições coletivas* propostos pelo imuê (2019). Tais perspectivas trazem reflexões sobre formas de se fazer pesquisa, maneiras criativas de construção de conhecimento e políticas de escrita.

A voz de Deisiane inspira levantamentos poéticos - produção de narrativas entre mulheres - e coloca em questão formatos de expressar, sentir, comunicar e produzir arte-conhecimento. Esse viés, atrelado ao debate sobre composições coletivas, instigado pela equipe do instituto, e pelo modo de se fazer boi, em Pernambuco, irá compor o norte de reflexão-construção do livro de Andréa.

A discussão que o imuê estabelece com *A abordagem etnográfica e o desafio das composições coletivas* (2019) toca em repensar maneiras de se produzir conhecimento que transcendam quadraturas acadêmicas egóicas de um caminho solitário e individual no campo de pesquisa. Ou seja, lança a proposição de caminhos de composição-criação-intervenção coletiva, ao passo que busca mapear, captar, criar e entender quais são/podem ser esses caminhos e como eles se dão/se dariam na prática. Trata-se de uma aposta em formatos de co-autoria e escrita coletiva que instigam a repensar moldes enquadrados e o fazer antropológico e etnográfico, potencializando as vias de construção de um conhecimento vivo e integralizado, que se permita experimentar e ir para além da experiência fetichizada do pesquisador solitário. Uma persistência pelo conservar das histórias, para as quais se está olhando, no mundo, pelo não deixar que se perca a potência, a vida, o pulsar da coisa ao transformá-la em escrita acadêmica.

⁶“Não a [economia] imaginada e descrita por economistas a partir de seus modelos particulares, mas aquela efetivamente experienciada por pessoas em contextos culturais, políticos e sociais particulares” (Morawska *et al.*, 2019, p. 6)

⁷ Comunicação pessoal, mensagem virtual, 02/2022.

Os encontros se sucederam, cronologicamente, da seguinte maneira: 1) reunião de preparação entre as pesquisadoras do imuê, pensando coletivamente escrita e produção de texto; 2) reunião entre Andréa e imuê, em que todas se conhecem e Andréa compartilha sobre seu ser e fazer coletivo; 3) reunião de retomada da primeira conversa com a autora entre as pesquisadoras e seguimento nas discussões; 4) uma “oficina de Boi” conduzida por Andréa; 5) Segunda reunião entre Andréa e imuê, compartilhando ideias, histórias e pensando no fazer do livro juntas. Aqui, ora descrevo, ora transcrevo~transcrio os pulsares e as reflexões que permearam esses encontros⁸.

3.1 Feitura~preparação do imuê

Início. Momento em que o conhecer e o reconhecer estabelecem suas primeiras conexões. Faíscas, fazer fogo, criar. As reuniões de preparação acontecem em 24 de janeiro e em 21 de fevereiro de 2022. Estão presentes, além de mim, observadora participante desse corpo ciborgue (HARAWAY, 2009), as pesquisadoras do imuê Maíra, Chirley, Jacqueline, Mariana, Cíntia e Deisiane.

Os encontros fluem no pensar coletivamente escrita e produção de texto e traçar um ponto de partida para o processo de fazer um livro juntas. Para tanto, além dos textos do imuê que abordam os caminhos da composição coletiva, a reunião se nutre da produção-arte de Deisiane Barbosa - artista visual e também pesquisadora no imuê - com sua dissertação *Inventário / da ilha \ de Tereza: cartografias de um livro devir* (2020), a partir da qual se pode repensar a escrita, o fazer artístico e o que é/o que pode ser construir pesquisa~conhecimento, bem como quais atravessamentos e nuances se estabelecem quando se propõe um fazer coletivo entre mulheres.

Todas se apresentam, nesse momento inicial, brevemente: nome, idade, campo de pesquisa, expectativas. Deisiane compartilha mais do seu trabalho e seus processos. Fala sobre a editora independente e artesanal que fundou, e pela qual pretende-se que o livro de

⁸ Em alguns momentos de descrição uso de anotações que não receberam nomes individuais e outros pormenores na hora. Me ative ao que foi discutido, mas nem sempre a quem falou o quê (com exceção das reuniões com Andréa, que tomei notas mais detalhadas e que possuem gravação audiovisual, possibilitando que eu revise e transcreva). Nesses casos, portanto, eu mesma estou coletivizando as falas/discussões, inclusive como um movimento coerente com a própria proposta dos encontros e da reflexão de composição coletiva a que este trabalho se pretende.

Andréa seja lançado, *andarilha edições*⁹, com sede na *casamendoeira*¹⁰ - casa livro ateliê / residência artística \ experiências com poesia e arte -, no Recôncavo da Bahia.

A obra da autora~artista se constrói a partir de uma escrita coletiva, de amizades-poético-teóricas, do encontro entre mulheres, da partilha de histórias, memórias e sonhos. Intenciona trazer outras dimensões para o conhecimento acadêmico, inventar pontes e modos de fazer pesquisa. Sobre seu texto, ela coloca:

[...] é uma cartografia de percursos criativos do “inventário / da ilha \ de Tereza”, um livro em processo que se expande da escrita literária à produção de narrativas poéticas em performance e vídeo; investigação em memórias pessoais e coletivas de mulheres, em diálogo com a criação ficcional. Em outros termos, discuto a “invenção de si” por meio da elaboração de histórias que envolvam realidades-ficções, em linguagens artísticas diversas. (BARBOSA, 2020, p. 7)

Barbosa (2020) costura um trabalho de arte~poesia~fantasia~conhecimento inspirador e extremamente fértil para se pensar a construção coletiva e outros formatos de pesquisa atrelados à arte-poesia, ao fantástico, ao afeto, à cura coletiva entre mulheres, corpos e identidades. Após algumas colocações de Deisiane, se abre um espaço para que as demais expressem suas emoções e impressões. Inspirador ~ admirável ~ maravilhoso ~ arrepiante - algumas das palavras que me recordo.

Quando chega o momento de eu me expressar, mal consigo abrir a boca. Me permito ser profundamente afetada pela voz~poesia de Deisiane. Me faço sentimento, me faço lágrima, me faço expressão que se diz sem ser falada. Por toda a potência que emerge da obra viva que ela costurou, por aquele momento, por aquele projeto, pela força coletiva entre as mulheres. Por dor e por amor. Pela conexão com minhas cicatrizes, com as feridas ainda abertas... também com memórias de reconstrução, de ressurreição de mim e de tantas outras. Deise trouxe à tona um costurar coletivo, fantástico, genuíno. Um inspirar e expirar profundos. Inspirar, recolher, decantar de forças, dores, sombras e acolhimentos. Um expirar de amor, autoamor, sonhos e libertação.

Os “levantes poéticos” desenvolvidos por Deisiane propõem encontros com mulheres para a partilha de memórias, produção de narrativas e invenção de histórias (BARBOSA, 2020, p. 14). Para esse projeto com Andréa (e alguns outros do imuê), essa tem sido a metodologia usada para produzir escritas coletivas com mulheres.

⁹ Para mais informações, ver: <<https://andarilhaedicoes.com.br/>; <https://www.instagram.com/andarilhaedicoes/>>. Último acesso em 20 de março de 2023.

¹⁰ Para mais informações, ver: <<https://www.instagram.com/casamendoeira/>>. Último acesso em 20 de março de 2023.

[...] como posso usufruir do livro enquanto um objeto amplo/ampliado, passível à expansão em diferentes linguagens e formatos? Ou, ainda, como posso vivenciar um processo de criação literária que me permita, além de integrar diferentes estéticas e visualidades, envolver leitoras-coautoras com quem partilho da criação no próprio gerúndio da sua feitura? Sigo desperta à consciência de femininos e feminismos plurais, aos sentidos de ser/viver/tornar-se mulher, hoje, num país de fundamentação patriarcal, cujas ressonâncias coloniais ainda são tão incisivas na configuração cultural de gêneros e sexualidades; em que mulheres negras (este lugar de onde falo) ainda estão na base da pirâmide social e lutam pelo direito de elaborar e registrar contra-narrativas. Sigo atenta às opressões enfrentadas por nós e às diversas estratégias de reinvenção articuladas por grupos ainda tão diminuídos ~ negras, indígenas, lésbicas, nordestinas, periféricas, transgêneres, dentre outras especificidades. (BARBOSA, 2020, p. 16)

Uma escrita que não se pretende findar ali, que está para além. Um ato sempre inacabado, pois existe no próprio viver, sentir e ser. Que integra, que está sendo transposto em palavra-poesia e que segue pulsando para além do texto e em conjunto com ele, em simultaneidade. Expandir e deixar ecoar em múltiplas linguagens.

Os encontros se alimentam fortemente de reflexões a partir dos levantes e do próprio formato da obra de Barbosa (2020) para pensar a construção do livro. Pensar escrita literária atrelada à arte, performance, dança, teatro - que são as principais linguagens de expressão de Andréa e dos trabalhos que ela desenvolve. Se alimentam do pensar a escrita de forma expandida, como força insurgente de amizades poético-teóricas, como experimentação, como coisa sensorial. Entender o próprio processo de escrita~criativo, conectar-se com, encaixar, alinhar, costurar.

Por meio da minha investigação e criação artística, busquei compreender melhor o processo de resignificação dessas memórias, dentro das narrativas poéticas onde, libertinamente, foram se misturando linguagens. Fui, portanto, construindo com essas vozes - a partir delas, traçando um inventário de invenções. (BARBOSA, 2020, p. 17)

Caderno como um só plano. O virar das páginas dificulta, pode sugerir quebra, mas é algo integrado, vivo, lateja. Que se atém a ideias que não se sabe por quê. Quando escreve, percebe que sempre soube. Narrativas poéticas a partir de vivências e pesquisas. Levar a escrita para a fala, para a performance, para múltiplas linguagens a partir das quais se constrói e compartilha conhecimento, conexão, emoção e cura.

Transcrever~transcriar, trazer a fala para a escrita. A transcrição como em si um processo conjunto de escrita (BAZÍLIO; VALE, 2022). Como em *A Queda do Céu - Palavras de um Xamã Yanomami* (2016), uma co-autoria entre Davi Kopenawa, líder e xamã Yanomami, e Bruce Albert, antropólogo. O livro é um relato da cultura, cosmologia e visão de mundo dos Yanomami, uma das maiores nações indígenas da América do Sul, e é baseado nas experiências de vida de Kopenawa. No artigo de mestre Genivaldo Basílio e Maira Vale (2022), *A gente faz teatro ensaiando a revolução: movimentos de territórios, cultura e arte entre Olinda, Recife e Paulista*, produzido conjuntamente, o processo de transcrição~transcrição se constrói como um caminho da composição coletiva, que envolve conexão, respeito e consciência sobre os corpos e realidades presentes.

Palavras~expressões que nos encontros ecoam (e seguem)¹¹:

casamendoeira ~ amizades-poético-teóricas ~ outros modos de escrita ~ corpos ~ podas ~ moldes acadêmicos que abafam/modificam o ser - transformam em outro ser, que já não é mais o mesmo ~ escritas experimentais e expandidas ~ sensorial ~ caminhar junto ~ processo de criação ~ costurar o texto ~ escrita performativa e incorporada ~ escrever coletivamente ~ levantes poéticos ~ encontros com mulheres ~ partilha de memórias ~ edição colaborativa ~ se reconstruir entre mulheres ~ ressonância da poesia do texto ~ expandir ~ transcrever ~ trazer a fala ~ cura coletiva ~ interna e da outra ~ simultaneidade ~ força coletiva ~ pulsação do encontro ~ criar processos para escrever ~ tecer narrativa sobre narrativa ~ gerúndio ~ gesto inacabado ~ texto como gesto ~ trazer outras dimensões para o conhecimento acadêmico ~ levante ~ troca de narrativas ~ encontro ~ narrar a própria história ~ texto é território, caminhante, é possível habitar ~ sonho ~ elaborar e registrar contra-narrativas ~ inventar pontes

3.2 Andréa, ser coletivo e o Boi Mandingueiro

Os momentos de encontro entre Andréa, imuê e eu acontecem em 07 de fevereiro (primeira reunião entre todas), 21 de março (Oficina de Boi ministrada por Andréa) e 18 de

¹¹ Esse formato de escrita que incorporo ao meu trabalho é fortemente inspirado por/influenciado pela obra de Deisiane Barbosa (2020). Um expressar de arte-poesia no escrever acadêmico, que propõe uma maior intimidade e conexão entre as partes desse construir - escritores, leitores e todos os seres que afetam essa troca.

abril de 2022. Ocasões em que todas se reúnem para escutar, aprender, desenvolver ideias e acordar sobre o livro.

Andréa começa se apresentando e vai dando luz à sua história, compartilhando conosco sua trajetória, com bastante entusiasmo e emoção. Uma de suas primeiras falas: “*Vivi 60-62 anos de experiência, 40 anos de aniversário*”, denota sua bagagem enorme de práticas culturais, como ela também destacou. Ela segue contando sobre seus primeiros anos, sua vivência na escola e como foi naquele espaço que ela passou a desenvolver sua conexão com a arte, por meio da dança e do artesanato.

Aí, fui crescendo, estudando, estudava para comer. [...] Eu assimilava pouca coisa, porque barriga vazia, a preocupação de ter mais irmãos em casa, que não comiam...isso era difícil. [...] Mas mesmo assim eu fui tocando, fui dançando. Lá eu aprendi frevo, com o professor Maurílio. Aprendi a manusear bonecos, fantoches. Foi um dos primeiros pontapés na minha vida de artista, que eu já tinha no sangue. Foi só a aprendizagem, mas eu já tinha da minha mãe, mesmo a família dizendo que não tinha artista na família, que a primeira era eu, não! Já tinha a artista que era a minha mãe, que foi silenciada, né. (informação verbal)¹²

Andréa salienta a influência de sua mãe, mulher silenciada pelas diversas opressões que a atravessaram durante sua vida. Destacou a “veia artística” a qual carrega, demonstrando gratidão, amor e pesar pelo silenciamento da mãe, além de uma vontade de abrir caminhos, de elevar cada vez mais a sua voz~arte~expressão.

Aos 13 anos, conhece um professor que integrava o coletivo “juventude e movimento”, Reginaldo Salvino. “*Foi aí que eu aprendi a ser mulher, negra, e saber o meu papel na sociedade, de lutar pelos meus direitos. Aí, sim, eu começo a ter um engajamento político, como se diz, político-pedagógico*”. Andréa passa, então, a desenvolver consciência social, racial, de classe e gênero e a se conectar com o reconhecimento e a potência do seu corpo no mundo. Ele a levava para palestras e reuniões do movimento e também apresentou a ela os afoxés¹³ de Pernambuco, ensinando-a a dançar e fazer artesanato. Conta, ainda, sobre como tinha facilidade com essas artes e que, se não possuía algo, improvisava e ia em frente, passando depois a vender seus artesanatos. Quando era criança, passava o dia na escola, estudava, dançava, comia. Ajudava na cozinha, na limpeza e outras tarefas da escola. Era conhecida como “aluna colaboradora”.

¹² Entrevista concedida por Andréa Guerreira em 07 de fevereiro de 2022. Entrevistadoras: Maíra Vale, Deisiane Barbosa, Chirley Mendes, Jacqueline Ferraz de Lima, Mariana Lima, Cíntia Engel e Ingrid Jó.

¹³ Manifestação carnavalesca, um cortejo que segue as mesmas melodias entoadas nos terreiros de candomblé, intimamente ligado a religiões de matriz africana.

Eu sou um ser coletivo desde criança. Ter sete irmãos, com toda a dificuldade, a gente não consegue ver o individual. Eu consigo me pôr no lugar do outro, do sofrimento, da alegria. Eu gosto muito de falar de alegria, sofrimento, eu não gosto muito, não. Por que, assim, mesmo com toda a dificuldade, aprendi a dançar, ensinei a dançar. (informação verbal, grifos adicionados)¹⁴

Eu sou um ser coletivo desde criança. Essa fala se evidencia ainda mais quando Andréa começa a falar do Boi Mandingueiro e de seu olhar sincero e empático com o outro. É ela quem convence Genivaldo (seu companheiro, também multiartista, militante e agente cultural) a começar o Boi em 2019. No início eram só ela, Genivaldo e uma amiga, Bebê. Ela fala da dificuldade de começar a articular o movimento e de como as pessoas, devido à presença de elementos do Candomblé na casa de Andréa e no Boi, associavam o Boi à matança, ao sacrifício, reproduzindo racismo religioso. Ela passa, então, a divulgar o grupo como um Boi de Carnaval, para deixar explícita a intenção. Até o início da pandemia, o Boi já possuía 35 integrantes.

Durante o período pandêmico, têm atuado na distribuição de alimentos de seu quintal (manga e jaca) e na conscientização da população (entre outras ações junto à Rede Orgânica Periférica de Olinda). *“Tá com fome? Eu dou de comer. Tá com sede? Eu dou água. Se precisar do que vestir, dou roupa. Se precisar de lazer, eu dou lazer. Se é uma conversa que precisa, eu converso. [...] Me faz bem, e sei que, espiritualmente, a pessoa vai em paz, vai com grandeza.”*

A espiritualidade de Andréa, conjugada com seu ser coletivo e o impulsionamento de estar em constante transformação para melhor, a estimula a afetar-se e a assistir ao outro. *“Uma coisa que me tocou muito no final do ano foi aquela música, Maíra: A gente precisa ser mais. Não precisa ter muito, mas precisa ser mais. A gente tem que ser mais pra poder mudar o mundo pra melhor, mesmo com toda dificuldade”¹⁵.* O ser é coletivo também porque comunga-se com a espiritualidade, com outros entes e seres, com uma ancestralidade. Em termos epistêmicos, essa proposição também se afina com a subversão de dualidades/trialidades como físico/metafísico; corporal/mental/espiritual; natural/sobrenatural; material/imaterial/espiritual.

Andréa volta a destacar a conexão com a mãe, que *“já está em outro plano espiritual”*. Fala sobre como gostaria de perguntar a ela se o desejo que tinha de ser freira seria por vocação ou para não passar fome. A mãe, Valdemira, se encontrava em um

¹⁴ Entrevista concedida por Andréa Guerreira em 07 de fevereiro de 2022. Entrevistadoras: Maíra Vale, Deisiane Barbosa, Chirley Mendes, Jacqueline Ferraz de Lima, Mariana Lima, Cíntia Engel e Ingrid Jó.

¹⁵ Música “Bons Caminhos”, com autoria atribuída ao jornalista e músico Sérgio Mesquita de Barros.

casamento violento, limitada à função de cuidar da casa e dos filhos, proibida de sair e trabalhar fora. Podada, portanto, pelo seu marido, pelo patriarcado, de sua liberdade e do consequente desenvolvimento de sua arte. Mas tal arte pulsa e encontra um fio condutor em Andréa, que se entrega e potencializa isso, sempre com muita emoção e respeito.

A influência da igreja católica se faz determinante na vida de Valdemira. Por um lado, de maneira positiva, como coloca Andréa: *“Ela cria a gente também dentro do costume franciscano, onde a gente divide tudo o que tem. E isso não é ruim, a formação que ela nos deu foi muito boa. Mesmo sem ter nada, ela sempre tinha pelo menos uma palavra de conforto”*. Por outro lado, o qual Andréa contestava, existiu uma forte orientação para o prosseguimento eterno do casamento, não importando qual fosse o sofrimento vivido naquela dinâmica. A dita “sacralidade”, a qualquer custo, da união estável monogâmica é reforçada por muitas vertentes da igreja cristã. O que subjuga mulheres, isenta opressores e contribui para a manutenção de ciclos de violência.

Andréa destaca a tradição patriarcal presente nos Bois: *“O boi é uma história extremamente masculina, né? E eu enfrento até hoje uma luta muito grande aqui. [...] O boi foi dado pra Genivaldo. Veio de um mestre e dado a Genivaldo, mas quem assumiu fui eu.”* Os homens do coletivo de Bois de Pernambuco disseram que Genivaldo tem mais nome e que a contratação para se apresentarem seria muito mais difícil com Andréa à frente. E as mulheres seguiram: *“Não, vai ser Andréa! Andréa quem vai na casa, vai buscar, pega as crianças.”* Se nota, então, a força coletiva e apoio entre mulheres no Boi. Reconhecimento ~ identificação ~ representação. Andréa é a presidenta e a diretoria do Boi é feminina. Ela coloca: *“Gosto muito do Andréa Guerreira, porque eu sou guerreira, corro atrás e eu sou a presidenta! [...] A gente vai lutando, a gente vai abrindo portas. E a gente vai fazendo histórias. E até agora a gente tem feito história”*.

As histórias do Boi para as apresentações públicas são escritas em coletivo. Quem escreve/transcreve é Genivaldo, na maioria das vezes. Andréa vai relatando, escrevendo pela fala, alimentando a transformação das histórias tradicionais para um viés mais diverso, respeitoso e representativo. Improvisando, informando, lutando, conscientizando. *“Meu Boi é diferente. No Boi pode tudo. [...] A gente tem a dança, tem o teatro, a percussão, tem tudo. A gente botou tudo o que a gente gosta dentro do Boi. Que não fale mal da mulher, com respeito, sem propagar violência, nem nada disso. Construir juntos”*.

Na sequência, as mulheres do imuê fazem algumas falas. Jacqueline coloca: *“A gente vai tentando transcrever, e você dizendo: bota isso, tira isso. Vai improvisando juntas. Usar a metodologia das histórias do boi para pensar a do livro.”* Fazer o livro como se faz Boi.

Mariana acrescenta: “*Cada tradição tem uma coisa que não pode mudar: o Boi cabe tudo. Mas o que cabe é a gente que vai inventar, né?*”, se referindo a uma construção de novas histórias, que sejam reflexos de - e que possam também abrir caminhos para - transformação e a libertação.

Mariana cita sua experiência com o MST, o que faz Andréa trazer mais de sua vivência: deu aulas de artesanato e dança para as crianças e conta como esse movimento, em Pernambuco, teve grande parcela de contribuição para o seu aprendizado. Chirley fala sobre como acha bonita a fala de Andréa, sempre trazendo o coletivo em sua história:

Contar história precisa ser uma coisa viva. Não podemos cometer o erro de apequenar toda essa presença que você tem. Quando você está contando a sua história, é a mesma coisa de quando você está oferecendo um prato de comida, oferecendo escuta. As histórias também alimentam a gente. O que você tem pra contar é muito grande, bonito e (independente) do jeito que você quiser contar, já vai mexer com muita gente. (informação verbal)¹⁶

Maíra acrescenta: “*Construir juntas. Como fazer um livro-boi? Que tenha espaço para o improviso. Trazer a trajetória: Andréa criança que dá aula; Andréa no MST com Oyá no colo; Andréa no Boi; etc. Recolher relatos, mas não só. Construir na oralidade, juntas.*”

Fazer essas histórias~contra-narrativas circularem. Por que está escrito? Para quem? Para quê? Para dar asas a quem escreve, ao que se escreve e a quem lê. Para que o dizer encontre os quatro ventos e afete~penetre outros seres. Para tocar e instigar a reflexão sobre si e sobre o mundo, sobre o próprio corpo, sobre o lugar em que está na sociedade. Para acionar o coletivo, para que cada vez mais vozes que abrem caminhos se levantem e gritem suas histórias. Para que inspire e revolucione.

Nos encontros seguintes Andréa nos apresenta O Boi e mostra mais profunda e detalhadamente como acontece esse encontro, esse brincar, esse sambar, essa expressão que salva.

Ela desabafa sobre a tradição ainda machista dos Bois, em que mulheres geralmente não saem de personagens. No Boi Mandingueiro, sim! Andréa é presidenta, é Catirina (personagem base da história) e Catirina também dança de Burra. “*Tem os ritmos trabalhados, que chamamos de ‘sotaque do Boi’ [...] Cada dia a gente trabalha uma coisa: dia de dança,*

¹⁶ Fala de Chirley Mendes em entrevista concedida por Andréa Guerreira em 07 de fevereiro de 2022. Entrevistadoras: Maíra Vale, Deisiane Barbosa, Chirley Mendes, Jacqueline Ferraz de Lima, Mariana Lima, Cíntia Engel e Ingrid Jó.

dia de teatro, dia de percussão, dia da contação de histórias, dia da apresentação. E assim se constitui o Boi”.

Andréa fala sobre a história do cantar do Boi, mostra os instrumentos que estão sempre com ela: Pirulito e Maracá, pendurados em seu pescoço. Ela canta para nós e pede para que cantemos em conjunto: *“Na mata do ronca nasceu um boi, nasceu um boi, nasceu um boi! Na mata do ronca nasceu um boi, nasceu um boi, bonito e ligeiro!”*. O Boi tem vários núcleos, e tudo é sempre compartilhado entre eles. Andréa fala sobre como eles formam uma família no cotidiano, conectados e convivendo no dia a dia. *“A gente é um Boi que comemora tudo. É uma comunidade que já tem muitas percas, a gente tem que comemorar tudo de tudo!”*.

Ela compartilha que entre eles *“Não tem muito a história de escrever”*. Quando é para construir a história dos personagens para o teatro, sim, *“Mas mesmo assim a gente senta e faz a mesma coisa, conversamos, vamos construindo juntos”*. Construção do texto condutor, com Genivaldo colocando no papel, fazendo a transcrição. *“E também tem as transversalidades”*, elementos que vão mudando, se adicionando, dependendo dos acontecimentos do dia, da comunidade, da sociedade. Dando seguimento, Andréa apresenta alguns passos de dança: se levanta, nos convida a fazer o mesmo e começa a ensinar os passos, de maneira descontraída e divertida. *“Aqui no Boi todo mundo passa por tudo para descobrir o que quer, o que o faz feliz”*.

Cada um toma conta do seu personagem, para facilitar e também ensinar responsabilidade. Tem desde crianças até idosos. *“Preparamos o Boi pra 1h de espetáculo. De regra é 40 minutos, mas tem vezes que dançamos horas. A gente brinca, mas também envolve e chama a comunidade para brincar. Tem bois que só brincam pra eles”*. Andréa fala que enfrentam muita dificuldade com o Boi, mas também tem muita gente que apoia.

Tem que ter garra, força, energia! A gente implantou a brinquedoteca, a geloteca¹⁷, o banco de doação de roupa nessa resistência. A cultura é importante para também mostrar que tem outros caminhos. [...] O Boi tem 3 anos, mas eu de brincante é desde criança e eu trago essa energia pro boi! [...] Eu sou uma pessoa que não consigo ficar triste, pq sou uma brincante. Eu passo um bocado de perrengue? Passo! Mas todas as vezes que me vêem, me vêem feliz, porque eu sou da cultura popular! E é isso que eu tento passar pra eles, que apesar de ser uma luta árdua, tem prazer e tem retorno.
(informação verbal)¹⁸

¹⁷ Aparelho de geladeira com livros dentro para uso comunitário.

¹⁸ Entrevista concedida por Andréa Guerreira em 07 de fevereiro de 2022. Entrevistadoras: Máira Vale, Deisiane Barbosa, Chirley Mendes, Jacqueline Ferraz de Lima, Mariana Lima, Cíntia Engel e Ingrid Jó.

Andréa começa a mostrar mais do local, da sede do Boi. Mestre Genivaldo vai direcionando a câmera e ela vai nos mostrando cada um dos bonecos que sai com o boi na rua e contando mais sobre eles, dando ênfase para as personagens femininas. As personagens possuem histórias tradicionais que a maioria dos Bois segue, mas o Boi Mandingueiro alterou~adaptou para narrativas que condizem com a luta que eles cunham. Contou como começou com um presente que foi dado a ela, a cabeça da boneca Maria Luziara, que foi pintada no Boi Mandingueiro e virou Maria Grande. É ela quem protege a sede do grupo.

Com outra personagem, Catirina, Andréa fala do machismo no espaço do Boi de Pernambuco. Na história tradicional, Catirina é a mulher do agricultor rural que engravida e tem o desejo de comer a língua do Boi do capitão. No Boi Mandingueiro, a Catirina não está grávida. *“Catirina tem fome, mas é fome de cultura popular! A pessoa não tem desejo porque está grávida, não. A gente tem desejo de educação, tem desejo de cultura, tem desejo de comer uma comida diferente”*.

Mateus, um personagem que, na história tradicional, para atender o desejo da mulher, vai lá e mata o Boi; no enredo recriado pelo/no Boi Mandingueiro, aparece como sendo a polícia, é ela quem mata o Boi: *“Catirina quer sambar em tudo que é canto, e a polícia não permite, tem que pagar a praça, que está muito cara, pedir à prefeitura e pagar impostos para poder dançar, para poder brincar”*.

Andréa conclui dividindo o pesar de ter que estar o tempo todo observando o movimento da polícia, que vem para encerrar o espetáculo, muitas vezes não dando tempo de passar o chapéu para arrecadação de contribuições do público. *“Se a gente não tem condições nem de sobreviver, passar chapéu, como vamos pagar a prefeitura? Catirina conversa e traz isso pra sociedade. A gente fez uma coisa diferente, a gente tem fome de cultura. A gente traz a noção de política pra rua”*.

Tem horas que eu acordo de madrugada pra pensar Boi. Eu penso Boi o tempo todo. E quando penso Boi, penso em uma melhora de vida, de educação, lembrando que a gente voltou ao atraso, ao analfabetismo, à fome, à miséria. [...] É absurdo o que está acontecendo com o país. E esse é o pouquinho de contribuição que eu dou na comunidade, no Boi Mandingueiro. [...] E a gente como agente social, como fazedor de cultura, é esse o papel na sociedade: a gente não está só pra

brincar, a gente está para debater, discutir, reivindicar coisas sérias.
(informação verbal)¹⁹

Construir pesquisa como se constrói levantes poéticos. Fazer livro como se faz Boi. Fazer um livro-brincante. Como Deisiane faz com os levantes poéticos, Andréa abre caminhos pelos levantes culturais. Faz do Boi um canal de movimento político, por e para a comunidade, a cultura e a educação populares. Um canal de potência feminista, fortalecimento entre mulheres, reconstrução de narrativas e de possibilidades reais.

A invenção entre Andréa e o imuê segue em curso no caminho da composição coletiva~coautoria~transcrição e da imersão em linguagens~expressões múltiplas. Após os encontros aqui relatados, houveram reuniões pontuais para dar andamento ao próximo passo proposto: o projeto foi recentemente contemplado pelo Edital Funcultura da Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco (FUNDARPE) de 2022. O Projeto de Pesquisa prevê a formação de mulheres do Boi Mandingueiro em técnicas de escrita e pesquisa, a realização de oficinas para coleta de materiais sobre a história de Andréa Guerreira e o fazer do Boi, e o processo editorial de publicação do livro (BOI MANDINGUEIRO; IMUÊ, 2022).

*

Eu sigo as águas

Fluidas, férteis, que carregam vida e regeneração

Por vezes tão calmas e cristalinas que dá pra ver no fundo a imensidão

Por outras, potentes correntezas que abrem caminhos para novos mundos

E seguindo os ensinamentos de rosa luxemburgo, é só com movimento que a gente sente as correntes que nos prendem os pulsos

Eu sigo os fluxos do pensamento livre, da democratização da educação

Do compartilhar conhecimento e de sua decolonização

Que a gente conheça as raízes da terra sobre a qual fazemos nossa caminhada

¹⁹ Entrevista concedida por Andréa Guerreira em 07 de fevereiro de 2022. Entrevistadoras: Maíra Vale, Deisiane Barbosa, Chirley Mendes, Jacqueline Ferraz de Lima, Mariana Lima, Cíntia Engel e Ingrid Jó.

Que a luta seja pela libertação da natureza e de toda a vida que é explorada,
violentada, assassinada, subjugada e silenciada

Hoje eu deixo chover a minha voz, boca curada, não mais calada

E me banho na chuva das vozes que resistem e gritam as lutas em que foram cunhadas

O caminho é seguir enfrentando o que nos mata: os sistemas racista, patriarcal,
cisheteronormativo e capitalista

Que a luta seja coletiva e que a gente nunca perca ela de vista

/ Ingrid Jó, São Carlos - SP, Agosto de 2020 \

4 UM OLHAR ENTRE A COMPOSIÇÃO COLETIVA E O CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

Refletir sobre a prática da composição coletiva, especialmente ao acompanhar o experimento de escrita coletiva do imuê com Andréa Guerreira, coloca em questão a minha própria experiência de graduação na UFSCar, no curso de Ciências Sociais, que instiga “competências” oriundas de princípios divergentes de uma prática conjunta que busca potência a partir do fazer coletivo. Assim como no Boi, temos na estrutura organizacional da própria universidade o monopólio masculino.

O Projeto Pedagógico do Curso de Ciências Sociais da UFSCar²⁰ data de Agosto de 2004, há quase 20 anos. O documento passa por: Apresentação do Curso, Perfil profissional, Competências e Habilidades, Conhecimentos básicos, Grade curricular, Ementas, Atividades complementares, Avaliação, Infraestrutura, Corpo docente, Organização do curso e Dados gerais. O texto se inicia destacando que o projeto é uma construção coletiva que envolveu todos os docentes e discentes. Pairam no meu imaginário questionamentos acerca da forma como se deu tal composição. E, de maneira mais basal, quais corpos e vozes integraram essa construção. Entre as posições, na época, de administração geral da universidade e dos departamentos envolvidos, somam-se oito cargos. Sete deles ocupados por homens e apenas um por uma mulher. Entre a comissão de reforma curricular, quatro homens e duas mulheres. A composição coletiva fala, também, por equidade e junção de vozes diversas para, justamente, ter-se um real olhar/fazer conjunto.

Em minha trajetória no curso, os estímulos que se sobressaíram foram os de enfoque em um caminho solitário como sinônimo de maior reconhecimento e prestígio - o que destaca níveis de hierarquização e competição dentro da academia. A maior parte das posições administrativas e (supostamente) intelectuais, não só nas Ciências Sociais, mas nas diversas áreas do conhecimento e pela sociedade brasileira como um todo - é ocupada por homens cis e brancos. Isso é um reflexo claro de um sistema que constituiu-se a partir de uma colonização epistemológica ocidentalizada, eurocentrada, elitizada e aparelhada pelos sistemas patriarcal, racista, cisheteronormativo e capitalista, que determina um molde específico para se enxergar o mundo, a vida e a própria produção de conhecimento.

²⁰ Projeto pedagógico do curso de Ciências Sociais. Prograd UFSCar. Disponível em: <<https://www.prograd.ufscar.br/cursos/cursos-oferecidos-1/ciencias-sociais/ciencias-sociais-projeto-pedagogico.pdf>>. Acesso em: 24 mar. 2023

Paira, então, um ideário comum ilusório de originalidade, de existir enquanto ser que ilumina, que se difere de maneira superior dos demais - o que denota, claramente, um reflexo difundido do complexo de colonizador. É necessário, para além do reconhecimento de que a própria possibilidade da existência do saber é intrínseca à troca, ao compartilhar, à interação e à força coletiva, também a consciência, em suas minúcias, de como tal herança racista age em nossa sociedade e cotidiano.

Havia três tipos principais, ao meu ver, de disciplina/aula. No primeiro, era lido um resumo feito previamente do conteúdo, de maneira engessada. No segundo, falava-se muito bem e abria-se espaço para interação conjunta, mas ainda de maneira limitada ao conteúdo teórico. O terceiro era o que trazia uma diversidade maior de autoria, se atinha ao conteúdo teórico de maneira crítica e o relacionava com inúmeros contextos e realidades, permitindo um espaço fluído para questionamentos e conexões e, assim, para uma construção conjunta e aprendizado coletivo. Como, por exemplo, em uma disciplina na Sociologia, cuja proposta era exatamente a de trazer autores e autoras decoloniais e questionar a própria construção de conhecimento acadêmico, a qual reflete uma dominação branca e masculina. Ou com minha orientadora, Catarina, na Antropologia, cujas aulas traziam majoritariamente textos escritos por mulheres, senso crítico ao fazer antropológico dominado por homens, além de discussões diversas sobre euro e etnocentrismo.

Os trabalhos, em sua maioria, eram provas individuais (em raros momentos em dupla) e trabalhos finais individuais ou em grupo. Os em grupo não eram necessariamente a partir de uma composição coletiva. Por vezes, acabavam sendo na linha de “cada um faz uma parte e juntamos tudo no final”, não nos integrando ao processo como um todo do trabalho. Não me recordo de nenhuma disciplina que tenha focado especificamente em práticas de escrita. A mais próxima disso foi a de “Projeto de pesquisa social”, entretanto, com uma visão aplicada sobre construção de pesquisa que já seguia um padrão específico, focada na estrutura e nas partes indispensáveis que um projeto deveria apresentar, sem aprofundar, ou mesmo pautar o processo de escrita associado a feitura de pesquisa.

Olhando para o projeto pedagógico do curso, percebe-se que não é usada a palavra “escrita”. Usam “analisar”, “análise”, “dados”. A ideia de “coleta de dados” também aparece. Não há nenhuma incidência das palavras “feminismo”, “coletivo”, “afeto”, “emoção”, “coautoria”, “decolonial” etc.

Seguem algumas palavras~expressões e suas incidências:

pesquisa - 101	mulheres - 1
análise - 36	negros - 1
conhecimento - 33	coletivo - 0
dados - 23	indígenas - 0
objeto - 12	feminismo - 0
coleta de dados - 4	escrita/escrever - 0
expressão - 4	afeto/emoção - 0
linguagem - 3	imaginário - 0
etnocentrismo - 1	coautoria (ou similares) - 0
colonialismo - 1	LGBTQIAP+ (ou similares) - 0
subjatividade - 1	decolonial/decolonização/ - 0

A partir da experiência na graduação e do olhar para o projeto pedagógico do curso, nota-se uma cisão entre escrever e analisar, sendo a análise ainda o foco da produção acadêmica, que não pensa no formato de escrever suas pesquisas, ou mesmo ensinar a escrita, naturalizando um conhecimento que é, como qualquer outro, ensinado por meio de técnicas de transmissão, muitas vezes não explicitadas na formação em Ciências Sociais. No geral, o enfoque dado ao curso não estimula a escrita criativa e/ou a composição coletiva, não tendo nem mesmo sido pautados tais conceitos no decorrer dos anos.

Um caminho que indica fertilidade nesse sentido seria o de pensar a escrita-coletiva, o trabalho de co-criação, como ferramentas pedagógicas, metodológicas, no trabalho em sala de aula e no trabalho de pesquisa. E, para além disso, exaltar a indissociabilidade da tríade ensino-pesquisa-extensão.

Quanto mais ocupada pela diversidade, mais a Universidade se torna iluminada pela multiplicidade de expressões e linguagens. Minha experiência na graduação envolve uma vivência extremamente rica a partir das trocas, relações, movimentos sociais, culturais e políticos que proporcionaram tantas identificações, debates, lutas e transformações. Com os coletivos nos quais me organizei (no movimento estudantil e para além dele, como no movimento social e cultural de São Carlos) enxergo e celebro o fazer conjunto, artístico e revolucionário, o qual, inclusive, se coloca atento e combativo às faces do sistema dominante incorporadas na própria instituição acadêmica.

Se torna nítido o contraste entre práticas institucionais tradicionais e práticas de imersão, afeto e expansão encontradas em construções múltiplas que pretendem uma expressão viva - que está para antes, durante e depois da palavra escrita. Ainda hoje se observa uma disparidade entre os corpos presentes nos espaços acadêmicos, bem como um

formato de construção de conhecimento que mantém um viés patriarcal e eurocêntrico, em relação ao qual as Ciências Sociais no geral (e para além dela) devem colocar-se enquanto combatentes ativas. A abordagem da composição coletiva em linguagens múltiplas e decoloniais vem como uma alternativa aos sistemas dominantes, questionando o fazer pesquisa e propondo contra-narrativas de enfrentamento.

5 ILAÇÃO ~ ENLACE

O processo de edificar palavra~informação~história~conhecimento é algo que demanda imersão. Deixando de lado o mecanicismo que visa um objeto, e sim construindo de maneira coletiva, afetiva, sincera, respeitosa e profunda. Consciente sobre si, o outro e o todo. Consciente do que afeta, influencia, rompe, abre caminho e emociona. Essa é a premissa da composição coletiva que Deisiane costura por meio de seus levantes poéticos, que Andréa vive em sua trajetória e no Boi Mandingueiro, e que o imuê propõe com a construção do livro de Andréa e com outras criações coletivas entre mulheres.

Que os espaços de expressão, arte~pesquisa e produção de conhecimento sejam cada vez mais diversos, verdadeiros e ocupados por seres múltiplos, que sejam a alternativa e a resistência ao que espera prosperar subjugando e explorando outros. Os caminhos que vêm sendo construídos a partir de discussões e experimentações acerca da composição coletiva~coprodução~co-autoria, integram algo que questiona qualquer tipo de monocultura, expandindo as maneiras de se produzir conhecimento.

Pensar e aplicar formatos que transcendam noções falaciosas de autoridades individuais - aplicadas em produções conservadoras e tradicionalistas - e elevá-los a estados~níveis~condições fiéis à máxima de que tudo se constrói a partir do coletivo, e nunca só. Movimentos de abrir caminhos estão emergindo cada vez mais. Que eles aconteçam como se constrói levantes poéticos e como se faz Boi Mandingueiro: transformando o “tradicional” que não nos contempla em contra-narrativas, em histórias que tornem possíveis outros sonhos, imaginários e realidades.

REFERÊNCIAS

- ANZALDÚA, Glória. *Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo*. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 8, n. 1, p. 229, jan. [1981] 2000.
- BARBOSA, Deisiane Pereira Dias. *Inventário / da ilha \ de Tereza: cartografias de um livro devir*. Dissertação [Mestrado em Artes Visuais], Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2020.
- BARBOSA, Deisiane Pereira Dias. *O Sonho Puído*. Vimeo, 14 de fevereiro de 2020. Disponível em: <<https://vimeo.com/391622301>>. Último acesso: 27 de março de 2023.
- BAZÍLIO, Genivaldo; VALE, Máira. *A gente faz teatro ensaiando a revolução: movimentos de territórios, cultura e arte entre Olinda, Recife e Paulista*. PRAGMATIZES - Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura, Niterói/RJ, Ano 12, n. 22, p. 50-78, mar. 2022.
- BOI MANDINGUEIRO; IMUÊ. *Histórias de Bois - mulheres brincantes em Pernambuco*. Projeto de Pesquisa, Edital FUNDARPE, 2022.
- DIXON, Lydia Z.; KOTNI, Mounia El; MIRANDA, Veronica. *Introduction: Co-authorship as Feminist Writing and Practice*. Member Voices, *Fieldsights*, February 6, 2020.
- HARAWAY, Donna. KUNZRU, Hari; TADEU, Tomaz. *Antropologia do ciborgue: As vertigens do pós-humano*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- KILOMBA, Grada. *The Most Beautiful Language*. [Exhibition]. Goodman Gallery, Cape Town, South Africa. 2017.
- KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. *A queda do céu: Palavras de um xamã yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- LIMA, Mariana; MORAWSKA, Catarina; NÓBREGA, Márcia; VALE, Máira. *A abordagem etnográfica e o desafio das composições coletivas*. In: IMUÊ. I Fórum imuê - Instituto Mulheres e Economia. São Carlos: imuê, 2019.
- LORDE, Audre. *Os usos da raiva: as mulheres reagem ao racismo*. In: LORDE, Audre. *Irmã outsider*. 1. ed. Belo horizonte: Autêntica, 2019 [1984].
- TAUSSIG, Michel. *Mimesis and Alterity: A Particular History of the Senses*. New York. Routledge, 1993.
- TORRES, M. Gabriela. *Feminist Anthropology Is Teamwork*. Anthropology News website, November 7, 2019.
- UFSCAR. *Projeto pedagógico do curso de Ciências Sociais*. Prograd UFSCar. Disponível em: <<https://www.prograd.ufscar.br/cursos/cursos-oferecidos-1/ciencias-sociais/ciencias-sociais-pr-ojeto-pedagogico.pdf>>. Acesso em: 24 de março de 2023.